

Suas teses sobre a salvação do homem, enunciadas há mais de 15 séculos, fazem desse homem de África o mais importante Pai da Igreja



A FÉ SIMPLES DE SANTO AGOSTINHO

ERNEST O. HAUSER

O CRISTIANISMO não seria o que é hoje sem a figura gigantesca de Santo Agostinho. Cristãos de todas as denominações referem-se à sua autoridade para esclarecer problemas básicos de fé e reconhecem nele o maior pensador cristão depois de São Paulo. E sua influência não se limita à religião. Criador de um poderoso sistema de idéias que dominou a Europa na Idade Média, ele é um dos grandes arquitetos da cultura ocidental.

Sua obra, em latim elegante, ocupa 16 grossos volumes impressos em caracteres miúdos. Estão aí dois dos maiores clássicos do mundo — *A Cidade de Deus*, uma visão

grandiosa da luta eterna entre o bem e o mal, e as *Confissões*, um registro de franqueza cruel dos tortuosos caminhos do seu autor em direção a Deus. Profundamente intelectual, Agostinho professava também uma fé simples e forte, que melhor se expressa na sua oração famosa: «Senhor, que é sempre o mesmo, permita que eu me conheça, permita que eu O conheça.»

Agostinho vem da África. O pequeno mercado colonial que era a cidadezinha de Tagaste — hoje Souk-Ahras, na Argélia — onde ele nasceu, em 354 d.C., estava firmemente sob

Ao alto: *Detalhe de Santo Agostinho, de Boticelli, na Igreja de Todos os Santos, em Florença*

domínio romano, como toda a margem norte do continente. Seu pai, o pagão Patrício, era um conselheiro municipal conhecido por seu temperamento explosivo; sua mãe era Mônica, uma cristã.

Ele cresceu num ambiente de classe média. Criança, foi registrado como catecúmeno; o batismo era habitualmente reservado aos adultos. Na escola, ele recorda nas *Confissões*, recebia mais pancada que elogio. «Eu não amava o estudo», escreve. «Só aprendia à força.» Adolescente, fugia das aulas quando podia. Mas, depois da morte do pai, tornou-se protegido de um rico amigo da família, que, reconhecendo a sua inteligência brilhante, mandou-o para a universidade em Cartago, capital da África romana.

«À minha volta crepitava uma frigideira de amores pecaminosos!» Com 17 anos, apaixonado, o estudante do interior tomou uma amante permanente, com quem teve um filho, o seu bem-amado Adeodato («Dado por Deus»). Começou também, apesar de tudo, a dedicar-se seriamente aos estudos, e logo brilhava em Retórica, cadeira que compreendia Filosofia, além de Oratória. Um dos livros lidos, o hoje desaparecido *Hortensius*, de Cícero, impressionou-o de tal maneira que ele «voltou suas orações para Deus». Mas a Bíblia, ele achava, era uma coleção de «histórias de comadres». Era a Filosofia, mais que as Escrituras, o que saciava sua sede de pensamento abstrato.

Seu primeiro encontro com a reli-

gião organizada deu-se através dos maniqueístas, uma seita que atraía principalmente intelectuais. Seguidores de Mani, o profeta persa, ensinavam que o nosso mundo era resultado de um antigo combate entre luz e trevas e que cada alma humana era uma pequenina partícula de luz apanhada numa massa de trevas. Embora «com a mente inquieta», foi maniqueísta durante nove anos. Sua mãe, piedosa, profundamente devotada ao filho, estava desesperada e implorava ao seu bispo que conduzisse o menino à verdadeira fé cristã. Mas o sábio dizia-lhe que ainda não era o momento. «Siga o seu caminho, e abençoada seja», ele disse a Mônica. «A criatura de todas essas lágrimas não se perderá.»

Ansioso por beber a cultura latina na própria fonte, Agostinho foi para Roma, e mais tarde para Milão, onde conquistou um ambicionado lugar de professor. Vivia cheio de dúvidas e temores. Cansado dos atalhos maniqueístas no caminho da salvação, tentou tudo, da magia à astronomia, e acabou agnóstico. Onde encontrar a paz interior?

A mãe seguiu-o à Itália, e continuava pressionando-o para o cristianismo. Em busca da verdade, ele foi ouvir o famoso bispo milanês Ambrósio, cujos inspirados sermões deram com Agostinho na maior crise que ele enfrentara na sua vida. Atormentado pela sua paixão sexual, que ele considerava pecaminosa, mandou a amante de volta para a África, concordou em casar-se com uma «jovem adequada», logo rompeu o

noivado e tomou nova concubina.

«Achava», escreve ele nas *Confissões*, «que seria infeliz demais longe dos braços de uma mulher.» Para ele, uma vida verdadeiramente espiritual era incompatível com o desejo. Mas cada vez que rezava a Deus pela castidade, uma voz teimosa dentro dele repetia: «... mas não ainda!...»

«Roído por dentro», Agostinho sabia que tinha de escolher entre suas paixões e sua alma. No jardimzinho de sua casa em Milão, certo dia, jogou-se ao chão sob uma figueira e derramou um rio de lágrimas. Subitamente, de trás da cerca, ouviu a voz de uma criança entoando: «*Tolle, lege, tolle, lege!*» (Pegue, leia, pegue, leia!) Um sinal, enfim! Entrou em casa, apanhou a Bíblia e leu as primeiras palavras que lhe caíram sob os olhos: «... não em orgias e bebedices, não em impudícias e dissoluções... mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e nada disponhais para a carne, no tocante às suas concupiscências.»

A paz desceu sobre ele. Na véspera da Páscoa, o crente de 33 anos, mais seu filho de 15 anos, foram batizados por Ambrósio. Como a conversão de Paulo na estrada de Damasco, era um marco na história do cristianismo. «Eu corria atrás de honrarias, dinheiro, matrimônio», ele escreveria mais tarde, «e Tu, Senhor, rias de mim... Agora deixe que minha alma, que Tu livraste de tão pegajoso visgo de morte, se apegue somente a Ti!»

Agostinho retornou ao Norte

da África, em busca de uma vida de meditação. Boas conversas e rostos amigos seriam suas únicas fontes de prazer. De volta a Tagaste, partilhava uma modesta casa com seus companheiros, que, como ele próprio, haviam voltado as costas ao mundo. Observavam regras de disciplina e pobreza pessoal, faziam trabalhos manuais e passavam a maior parte do tempo debatendo questões de fé. Esta foi a origem da camaradagem perpetuada hoje nos mosteiros agostinianos espalhados pelo mundo.

Agostinho provou ser um brilhante disseminador da Palavra Divina, e sua fama espalhou-se rapidamente pelo Norte da África. Estrangeiros vinham consultá-lo, e ficavam impressionados com a sua personalidade magnética e sabedoria. Convidado a dirimir questões religiosas em outras cidades, ele prudentemente evitava lugares que estivessem à procura de um clérigo; não tinha intenção de tornar-se padre. Mas um dia visitou a cidade costeira de Hipona e compareceu ao ofício religioso na catedral, sem saber que o velho bispo local procurava um padre para ajudá-lo. A um sinal, Agostinho foi agarrado pelos populares, que, apesar de suas lágrimas e protestos, arrastaram-no até ao bispo, que o ordenou na hora. Cinco anos depois, quando o bispo morreu, tomou o seu lugar.

Durante 35 anos — de 395 até 430, quando morreu — o homem que, acima de tudo, buscava «desligamento total do tumulto das

coisas transitórias», serviu como principal sacerdote — e também magistrado em questões civis — de um turbulento porto mediterrânico onde tudo podia acontecer. As horas vagas eram poucas. A grande comunidade cristã de Hipona era cheia de conflitos. Quando caía uma seita cismática, outra levantava a cabeça. O mesmo ocorria em outras cidades do Norte da África e da Europa. Ele próprio um antigo dissidente, Agostinho via agora como tarefa máxima o fortalecimento da unidade cristã.

Com uma, às vezes duas pregações por dia, ele explicava os temas básicos do Novo Testamento. Cerca de 500 dos seus sermões que foram preservados mostram ter sido ele um dos maiores pregadores de todos os tempos. Mas a principal arma de Agostinho era a palavra escrita. Examinando sua enorme produção — 232 livros e panfletos — a gente se espanta de que tenha conseguido fazer tudo isso no espaço de uma vida. Seus copistas revezavam-se sobre as folhas de papiro, enquanto ele andava de um lado para outro em seu estúdio, vertendo sua lúcida prosa. Baseando-se num profundo conhecimento dos autores antigos — especialmente Platão — ele deu sólidos fundamentos filosóficos à recém-nascida fé. Que significava ser cristão? A maioria das grandes teses do credo ainda aguardavam definição. Agostinho foi um dos primeiros a explicar conceitos transcendentais, como o da Santíssima Trindade, de maneira que cristãos

de toda a parte pudessem entender.

Assim, ele transformou-se no autônomo guardião da Fé. Discutindo um ponto aqui, outro ali, à medida que as circunstâncias o exigiam, forjou o seu sistema teológico. Entre os erros que ele passou seus melhores anos refutando estava o divulgado por um monge britânico, Pelagius, que ensinava ser o homem capaz de alcançar a salvação por sua própria vontade livre e que a graça de Deus não era essencial. Foi na luta para eliminar o pelagianismo que Agostinho criou sua célebre doutrina da Predestinação. A humanidade, ele arrazoava, estava marcada eternamente pelo pecado original. A fim de nos salvarmos, necessitamos da Graça Divina, que nos é concedida gratuitamente, e não como prêmio pela fé ou merecimento. «Quem dentre nós será salvo», diz Agostinho, «só Deus o sabe. Porque Ele estabeleceu nosso destino, antes e fora do tempo.»

Esta ênfase na Graça Divina viria a ser um dos pontos principais da Reforma. Lutero — ele próprio monge agostiniano antes do rompimento com Roma — baseava-se profundamente em Agostinho, cujos trabalhos lia, noites e noites, à luz de velas.

Em 410, um exército godo capturou e saqueou Roma. Foi um golpe fantástico no mundo civilizado. Muitos pagãos diziam que a catástrofe não teria acontecido se Roma se tivesse mantido fiel aos antigos deuses. Era evidente que Cristo não

tinha força para defender sua cidade! Agostinho foi instado a provar que estavam errados. De vez que até os pagãos o respeitavam como extraordinário filósofo, sua voz seria ouvida.

Assim, aos 59 anos, Agostinho lançou-se à sua obra-prima, *A Cidade de Deus*, na qual trabalharia durante 13 anos. Aparecendo em capítulos, a obra monumental transformou-se no livro mais amado da Europa, e assim permaneceu durante quase 1.000 anos. Numa visão majestosa, o autor pintava a humanidade dividida em duas comunidades — ou «cidades» — que coexistem permanentemente. A cidade celestial é formada por todos aqueles que amam a Deus mais que a si próprios. A cidade terrestre é a dos que amam a si próprios «desprezando a Deus». Esses dois grandes estados têm de conflitar, e a História não é mais que a luta constante entre as duas comunidades invisíveis.

Agostinho tinha 76 anos quando uma horda vândala varreu o Norte

da África, destruindo tudo em seu caminho. Quando se aproximava de Hipona, o grande ancião, que recusara uma oportunidade de escapar, tornou-se a alma da resistência. Pregando para um público tenso, ele exortava todos os crentes a terem fé em Deus.

No terceiro mês do sítio, Agostinho caiu enfermo. Pendurou os salmos penitenciais de David ao lado de sua cama e passava os dias em oração. Até ao fim, manteve-se de posse de todas as suas faculdades. Sem fortuna para deixar, não fez testamento, mas implorou a seus irmãos que preservassem sua preciosa biblioteca, que incluía cópias únicas de seus próprios trabalhos.

Um gigante desaparecia. Dois séculos depois, a Igreja cristã seria expulsa da África pela conquista árabe, mas a essa altura já a herança espiritual de Agostinho era propriedade de todo o Ocidente. Conduzido pelo rastro luminoso da intelectualidade de Agostinho, o cristianismo partiu para a definitiva conquista da mente ocidental.



AO FIM da cerimônia de casamento, sorrindo para o noivo, que estava nervosíssimo, disse o padre: «Agora já pode beijar a Sr.^a Cunningham.» Espantada, a noiva ficou olhando enquanto o marido, acanhado, se dirigiu para a primeira fila dos convidados e deu um beijo no rosto da mãe.

— A. S.



A MULHER do meu vizinho teve trigêmeos, para grande confusão do pessoal do hospital. A enfermeira que informou o pai das crianças, nervosíssima, acabou dando a notícia assim: «Parabéns, sua mulher acaba de dar à luz três crianças. Uma de cada sexo.»

— R. M.